

# *Ameaça de outra crise na Argentina*

**HUGO MARTINEZ**  
**Nosso correspondente**

**BUENOS AIRES** — Apenas 24 horas depois de colocado em prática, o “pacote” de medidas anunciado pelo governo argentino para reformar os sistemas financeiros e tributários já começaram a criar um problema político que afeta diretamente os mais altos escalões da Presidência da República. Os principais protagonistas do “conflito” são o ministro da Economia, Juan Sourrouille, e o secretário do Planejamento, Bernardo Grinspún, que têm concepções diferentes a respeito dos resultados do “pacote”.

As medidas constituem um esquema de ajuste do que se chama popularmente de “pátria financeira”, ou seja, os interesses setoriais da área financeira e dos bancos (nacionais e estrangeiros) privados, que os confundiria com os próprios objetivos da nação. Os inimigos da “pátria financeira” entendem, porém, que seus objetivos são antagônicos aos interesses nacionais.

Durante o regime militar, a “pátria financeira” impôs seus critérios, sendo a ela atribuídos a queda da produção, a especulação desenfreada, a voracidade consumista e a destruição da indústria. Foi para corrigir essas distorções que Sourrouille adotou uma série de medidas que atingiram duramente o setor financeiro, eliminando até alguns de seus segmentos.

## **TÉCNICO E POLÍTICO**

Sourrouille quer aplicar um critério de eficiência financeira e de luta contra a inflação, que é exatamente a cópia das recomendações do Fundo Monetário Internacional. Já Bernardo Grinspún (que o antecedeu no cargo de ministro da Economia) adota uma posição mais política. Ao lado da posição do atual ministro alinham-se o chanceler Dante Caputo e o ministro do Interior, Antonio Troccoli. Apoiando Grinspún está o secretário-geral da Presidência, German Lopez.

Mas não são apenas critérios técnicos que separam os dois grupos. O secretário do Planejamento sustenta que o déficit fiscal não pode ser reduzido a um custo social, e propõe que a capitalização resultante das reformas se destine à geração de novos empregos. A seus amigos mais íntimos, lembrou que este é um ano de eleições parciais para o Parlamento e não se pode decepcionar o povo. O ministro da Economia, porém, entende que a capitalização deve destinar-se ao pagamento da dívida externa e afirma que sem a redução do déficit fiscal não se ataca a inflação.

Bernardo Grinspún utiliza um discurso populista, bem ao gosto dos peronistas. Sourrouille prefere uma saída técnica. As duas visões já começam a dividir o gabinete do presidente Raúl Alfonsín.